

A Baixada Fluminense em palavras e sonoridades: um registro da obra de Sylvio Neto

The Baixada Fluminense in words and sounds: a dialogue with the work of Sylvio Neto

José Carlos Teixeira Jr.

Fundação de Apoio à Escola Técnica (FAETEC) e Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro

zeca.teixeira@yahoo.com.br

<https://orcid.org/0000-0003-0287-9998>

Renato dos Santos Aranha

Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro

aranhaprofessor@gmail.com;

<https://orcid.org/0000-0001-5297-1608>

RESUMO

O presente artigo propõe discutir as principais questões que estruturam uma proposta de pesquisa cujo objetivo principal é conhecer a obra de Sylvio Neto: músico, poeta e ativista cultural negro da Baixada Fluminense (BF). Esta proposta de pesquisa surgiu, mais especificamente, no processo de criação e gestão participativa de uma rádio no cotidiano de uma escola municipal carioca que atende localidades, assim como a BF, historicamente marcadas pelo estereótipo de violência (Cidade de Deus, Gardênia Azul e Rio das Pedras). Assim, mergulhado na polifonia e dialogicidade deste processo de criação e gestão participativa, as histórias sobre este artista têm ressoado de uma forma bastante significativa, sobretudo no que de respeito à posição de articulador que muitos agentes culturais têm assumido na complexidade comunicativa que tece estas localidades hegemonicamente chamadas de periféricas. No decorrer desta discussão, tentaremos argumentar a favor, em primeiro lugar, do fato de que conhecer a obra deste músico apresenta-se como uma contribuição significativa, dentre tantas outras certamente possíveis, nos importantes movimentos de tensionamento deste estereótipo de violência. E, em segundo lugar, a favor do fato de que o debate com (e não sobre) a violência musical no âmbito do currículo escolar emerge como uma possibilidade bastante fértil para trazer à tona não apenas os mecanismos regulatórios que tendem a igualar estas localidades, mas também as histórias que as diferenciam e identificam.

Palavras-chave: Educação. Baixada Fluminense. Violência.

ABSTRACT

The present article proposes to discuss the main questions that structure a research proposal whose main objective is to know the work of Sylvio Neto: musician, poet and black cultural activist of Baixada Fluminense (BF). This research proposal emerged, more specifically, in the process of creation and participative management of a radio in the daily life of a municipal school in Rio that attends localities, as well as the BF, historically marked by the stereotype of violence. Thus, immersed in the polyphony and dialogue of this process of creation and participatory management, the stories about this artist have resonated in a very significant way, especially in respect to the position of articulator that many cultural agents have assumed in the communicative complexity that weaves these localities hegemonically called peripheral. In the course of this discussion, we will try to argue in favor, first of all, that knowing the work of this musician presents itself as a significant contribution in the important movements of tension of this stereotype of violence. Second, in favor of the fact that the debate with musical violence within the school curriculum emerges as a very fertile possibility to bring to light not only the regulatory mechanisms that tend to match these localities, but also the stories that differentiate and identify them.

Keywords: Education. Baixada Fluminense. Violence.

Introdução

As ruas mentem sem minha ajuda
É um vício, da necessidade de ser
É uma vocação, herança colonial
É um surto, soprado por políticos
E eu sei e sempre soube que não presto
Escorrem pelos lábios, a raiva e a ira
Daqueles que sucumbem, às provas
Da lida diária, com o desmedido
E eu como neste prato, faminto!!!
E eu sei e sempre soube que amo demais
Não sei mais viver onde vivo – e como vivo
E nem sei mais como viver – em quaisquer
Círculo, coração e egrégora – ou em mim
E eu sempre soube que seria assim...

Sylvio Neto¹

¹Poema disponível em <http://bloggdosylvioneto.blogspot.com.br/2013/06/eu-sempre-soube-as-ruas-mentem-sem.html>

No presente artigo propõe-se discutir algumas questões que tecem a realização de um trabalho de pesquisa que apresenta como objetivo principal a criação de um registro de parte da obra de Sylvio Neto: músico, poeta e ativista cultural da Baixada Fluminense.

A ideia de criação deste registro surgiu no decorrer da realização de outro projeto de pesquisa: “Culturas, sonoridades e processos identitários da comunidade escolar Compositor Luiz Gonzaga” (PASSOS, 2013). Financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro em parceria com a Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e a Escola Municipal Compositor Luiz Gonzaga – escola localizada em Jacarepaguá, Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, cujos estudantes residem, em sua – este projeto apresentava como objetivo principal a criação e a gestão participativa de uma rádio na referida comunidade escolar (cf. LONGA, 2014, 2015; SANTOS, 2015; TEIXEIRA JR., 2014a, 2014b; TEIXEIRA JR. E PASSOS, 2015)².

No decorrer dos encontros (PASSOS, 2014) semanais realizados ao longo do ano de 2014 na Compositor³ com alguns de seus professores e estudantes, emergiram diversas histórias sobre o complexo circuito comunicativo (GILROY, 2001) que compõe a cultura da

²Financiada pela Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), mais especificamente pelo edital Apoio à Melhoria do Ensino em Escolas da Rede Pública Sediadas no Estado do Rio de Janeiro, a chamada Gonzagão Digital surgiu como um projeto elaborado numa parceria entre a Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (EDU/UERJ), a Escola Municipal Compositor Luiz Gonzaga e um grupo de jovens moradores da Cidade de Deus (formado por alunos e ex-alunos desta mesma escola), com o objetivo de conhecer o movimento de apropriação (produção e consumo) de arquivos digitais como uma performance em educação. O movimento de apropriação de arquivos digitais como uma performance educacional já se apresentava como uma prática cotidianamente realizada na referida escola municipal, mais especificamente pelo professor de música e estudantes do segundo segmento do Ensino Fundamental. Desde o ano de 2011, com um Virtual DJ Free instalado em um notebook conectado, por um lado, a uma caixa amplificadora via cabo P2-RCA e, por outro lado, a um aparelho celular via cabo USB, estes estudantes tocavam seus repertórios semanalmente no pátio interno da escola durante seus vinte minutos de recreio. O caráter compartilhado desta performance musical e o uso constante da sala de aula como um importante tempo-espço de “troca de experiências” (BENJAMIN, 1983b), possibilitava a emergência de importantes questões que tecem o currículo da educação escolar, sobretudo no que diz respeito às leis federais 10.639/2003 e 11.769/2008. Podemos destacar, por exemplo, questões como repertório, reprodutibilidade técnica, performance, violência, estereótipo, sexualidade, consumo, territorialidade e relações de pertencimento, dentre outras. Com a Gonzagão Digital foi possível não apenas fortalecer esta performance educacional já realizada cotidianamente, principalmente com a aquisição de equipamentos melhores, mais diversificados e potentes, como também ampliar esta mesma prática musical, tanto com a participação mais direta de outros professores da escola, como também de outros moradores das localidades atendidas.

³Forma como professores, estudantes, funcionários e familiares chamam, cotidianamente, a Escola Municipal Compositor Luiz Gonzaga.

Baixada Fluminense⁴. Centro Cultural Donana, Cineclube Mate com Angu, Cineclube de Guerrilha e Projeto Kbeçativa foram alguns dos palcos destas histórias então contadas.

Narradas pelo professor de Língua Portuguesa da referida escola municipal carioca que participava do referido projeto – professor Renato Aranha, que também é vocalista da banda de rock Rota Espiral, um dos importantes fios que tecem este mesmo complexo circuito cultural da Baixada Fluminense –, estas histórias ressoavam de uma forma bastante significativa nos debates que eram realizados nestes encontros. Tratava-se de uma ressonância que apresentava uma capacidade de problematização da complexidade cultural destas diferentes localidades – Cidade de Deus, Gardênia Azul, Rio das Pedras e Baixada Fluminense – hegemonicamente identificadas por um mesmo estereótipo: a violência.

Foi justamente no diálogo com estas histórias que surgiu a figura de Sylvio Neto. Sua importância no contexto da Baixada Fluminense ficava evidente nas narrativas deste professor-músico. Uma importância centrada não apenas em sua individualidade, mas também (e principalmente) pelo agenciamento que realizava (e ainda hoje realiza) na complexidade deste circuito cultural. Enquanto um ex-militar, poeta, músico (do punk ao reggae) e ativista cultural, Sylvio Neto tem transitado por diferentes processos de subjetivação (BHABHA, 2013) e conseguido traduzir de uma forma bastante singular, enfim, a Baixada Fluminense em poderosas palavras e sonoridades.

No tensionamento do estereótipo de violência da Baixada Fluminense

⁴ Estes encontros propostos aparecem, conforme proposto por Passos (2014), como uma orientação teórico-metodológica. Uma orientação, inclusive, que possibilitou justamente a emergência deste trabalho. Conforme argumenta esta autora, “entendemos o encontro, na pesquisa em Ciências Humanas e Sociais como uma experiência de interação entre sujeitos, que pode ser produzida/organizada/promovida pelo pesquisador, ou pode se dar ao acaso. Ao longo dos trabalhos desenvolvidos foi possível observar que no processo da pesquisa acontecem encontros entre sujeitos que vão suscitar outros encontros e outros encaminhamentos para a produção do conhecimento. Esses têm consistido em terreno fértil para pensar conceitos, provocando discussões e alimentando nossa produção no grupo. Interpretar o movimento dialógico pelo qual passam nossos interlocutores e nós mesmos tem sido uma experiência importante na formação dos pesquisadores que participam do grupo. A emergência de saberes, de relações, de narrativas é grandiosa no momento em que um sujeito ‘é afetado pelo outro’ e que este ‘afetar-se’ gera conhecimento (PASSOS, 2014, p. 234).

Para Bhabha (2013), o estereótipo consiste em uma das principais estratégias do discurso colonial na construção ideológica da alteridade. Trata-se de uma estratégia cuja força emerge de sua própria ambivalência, ou seja, daquilo que vacila entre o que já é conhecido e o que deve ser ansiosamente repetido (idem, p. 117). Em termos bakhtinianos, trata-se da polifonia e dialogicidade (BAKHTIN, 2010) que tece uma (pré)determinada fixidez.

Uma afirmativa-ansiedade, poderíamos assim dizer, que também não deixa de encontrar eco nas palavras de Sylvio Neto apresentadas na epígrafe do presente trabalho: “E eu sempre soube”. É justamente assim que tem se apresentado a violência para os treze municípios (Belford Roxo, Duque de Caxias, Guapimirim, Itaguaí, Japeri, Magé, Mesquita, Nilópolis, Nova Iguaçu, Paracambi, Queimados, São João de Meriti e Seropédica) e os cerca de quatro milhões de habitantes que compõem a Baixada Fluminense: “um vício, da necessidade de ser”, “uma vocação, herança colonial”, “um surto, soprado por políticos”. Como nos diz mais uma vez Neto: “eu sei e sempre soube que não presto”.

Em outros termos, trata-se de um conhecimento tácito, reiterado na sociedade contemporânea e estreitamente vinculado ao Estado e à mídia corporativa. Em relação ao primeiro, podemos destacar os chamados esquadrões da morte: grupos de extermínio formados com a participação de policiais e militares, comumente conhecidos como “justiceiros” na luta contra a “bandagem” e que atuaram no Rio de Janeiro e na Baixada Fluminense na segunda metade do século XX (BARBOSA, 1971; BICUDO, 1978; ALVES, 1994; COSTA, 1998). Em relação ao segundo, podemos destacar o chamado Mão Branca: “justiceiro” criado na década de 1980 pela imprensa carioca em um processo de espetacularização destes mesmos esquadrões da morte (LOUZEIRO, 1997; ENNE, 2004; DINIZ e ENNE, 2005).

Trata-se de um conhecimento tácito, entretanto, ubiquamente rasurado por seus mais diferentes processos de subjetivação (BHABHA, 2013). Conforme já sinalizado anteriormente, o Centro Cultural Donana, Cineclube Mate com Angú, Cineclube de Guerrilha e Projeto Kbeçativa foram alguns exemplos destes processos narrados pelo então professor-músico durante aqueles encontros semanais em Jacarepaguá, dentre tantos outros narráveis, certamente. Neste sentido, trata-se de processos que vacilam entre o que “é” e o que “deve ser” e que, justamente por isso, desestabilizam de uma forma bastante significativa aquelas mesmas relações epistemológicas (neo)coloniais:

Escorrem pelos lábios, a raiva e a ira
Daqueles que sucumbem, às provas
Da lida diária, com o desmedido
E eu como neste prato, faminto!!!

Os diferentes movimentos que escorrem e tecem esta complexidade viva e faminta do circuito cultural da Baixada Fluminense têm desempenhado, assim, um importante papel no tensionamento destas relações hegemônicas entre conhecimento, política e estética. E as diferentes lidas diárias na emergência destes movimentos comunicativos também têm corroborado de uma forma bastante expressiva com este mesmo tensionamento. Podemos citar alguns destes.

A TV Maxambomba iniciou suas atividades no ano de 1989 em Nova Iguaçu, Baixada Fluminense (cf. LOURENÇO, 2001; MIRANDA, 2002; NASCIMENTO, 2009). Ela surge como fruto do acúmulo de experiências realizadas desde 1986 com o Projeto de Vídeo Popular desenvolvido pelo Centro de Criação de Imagem Popular (CECIP), um projeto que consistia na produção e exibição de vídeos nas localidades em que os movimentos populares locais se reuniam (como Igrejas e Associações de Moradores, por exemplo). Com o formato de TV de rua, a TV Maxambomba apresentava uma proposta de produção e exibição de programas audiovisuais em espaços públicos da Baixada Fluminense de forma a estimular o debate sobre as mais diferentes questões desta região.

Outro movimento de emergência desta complexidade foi o projeto de pesquisa Escuta Baixada, criado em 2011, por professores e estudantes do curso de Produção Cultural do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ), campus Nilópolis. Inspirado no Musicultura (ARAÚJO et alli, 2006)⁵, este projeto assumiu uma metodologia participativa de inspiração paulofreireana na formação de um coletivo que procura “desenvolver uma prática educacional experimental, visando proporcionar uma formação de pesquisa aos

⁵ Segundo Araújo et al, “o projeto Musicultura parte do próprio Estado, por meio da Universidade Federal do Rio de Janeiro, a partir da efetivação de uma parceria com uma organização fundada por moradores da favela da Maré e busca implementar na prática a ação conjunta entre poder público e população, no planejamento de políticas públicas protagonizadas, de fato, pelos jovens. Neste sentido, o grupo Musicultura trabalha com dois conceitos básicos: o primeiro, de que os jovens não estão “perdidos” e, portanto, não necessitam serem “salvos” de coisa alguma, e o segundo é a própria dinâmica do projeto que parte da concepção freireana de produção dialógica do conhecimento. Ou seja, a ideia central do projeto é o foco na participação efetiva da juventude no processo de criação e formulação de atividades de pesquisa, manifestando a liberdade de opinião, sem hierarquias e privilegiando, dessa forma, a participação política na própria periferia e, de uma maneira geral, na sociedade” (ARAÚJO et al, 2006, p. 1).

estudantes que não desconsidere a atuação dos próprios estudantes como pesquisadores”⁶.

Ainda na década de 2010, o Programa Brasil Próximo (2015)⁷ realizou o Mapeamento dos Grupos Criativos da Baixada Fluminense, "resultado de pesquisa com mais de uma centena de grupos que possuem engajamento na proposição e produção cultural nos municípios da Baixada" (2015, p. 8). Desenvolvido de forma colaborativa com diversos sujeitos envolvidos com a produção cultural desta localidade – visando “construir uma rede de políticas públicas, oportunidades e intervenções para acompanhar os processos internos de desenvolvimento local integrado, solidário e sustentável” (2015, p. 8) – este mapeamento propôs contribuir na ampliação e na compreensão sobre a realidade destes grupos, suas iniciativas e seus processos criativos, assim como também sobre os agenciamentos produzidos e os modelos institucionalizados.

A emergência dos movimentos comunicativos que tecem a complexidade cultural da Baixada Fluminense tem desempenhado, assim, um importante papel no tensionamento de seus estereótipos de violência e pobreza e, conseqüentemente, das relações entre conhecimento, política e estética. Como nos sugere, enfim, as palavras de Sylvio Neto:

E eu sei e sempre soube que amo demais
Não sei mais viver onde vivo – e como vivo
E nem sei mais como viver – em quaisquer
Círculo, coração e egrégora – ou em mim
E eu sempre soube que seria assim...

⁶ Disponível em <http://www.redeescutabaixada.com.br/p/escuta-baixada.html>

⁷ “Brasil Próximo é o nome de um programa de cooperação internacional que visa aproximar cada vez mais, no futuro, regiões italianas e brasileiras, e é resultado de uma série de importantes atividades que as Regiões Umbria, Marche, Toscana, Emilia Romagna e Ligúria têm feito no Brasil nos últimos anos, com o objetivo de construir, no decorrer deste processo, uma rede de políticas, oportunidades e intervenções para acompanhar os processos endógenos de desenvolvimento local integrado, solidário e sustentável” (PROGRAMA BRASIL PRÓXIMO, 2015, p. 12).

Sylvio Neto e a complexidade cultural da Baixada Fluminense

Na década de 1980, período de gradativa abertura política após o golpe de 1964 e “redemocratização” da sociedade brasileira, o militarismo das cidades do Rio de Janeiro e da Baixada Fluminense mostrava sua ambivalência. Ao mesmo tempo em que alguns militares se reuniam em trajes pretos para a formação de grupos de extermínio, outros militares se reuniam, também vestidos de preto, para formação de grupos musicais; ao mesmo tempo em que alguns militares produziam sons metálicos com tiros de revólveres, de pistolas e com rajadas de metralhadoras em execuções sumárias realizadas nos mais diferentes cantos destas localidades, outros militares produziam sons metálicos com guitarras distorcidas, baixos elétricos e baterias em execuções de músicas punk e hadcore por estes mesmos cantos. E o mais curioso, como se isso não bastasse, é que estes “outros” militares (e não aqueles “alguns”) eram, na maioria das vezes, considerados os “laranjas podres” da corporação. Foi justamente mergulhado na complexidade deste quadro que tiveram início as atividades musicais de Sylvio Neto.

Nascido na década de 1960, em São João de Meriti, Neto, ainda recém-nascido, foi morar em Areia Branca, bairro de Belford Roxo. Com pai, tio e avô músicos, desde sua infância já tinha um intenso contato com bailes, saraus e jam sessions realizados nestas localidades.

Enquanto estudante de Ensino Médio no Colégio Abeu, já na década de 1970, Neto procurava se articular com os grupos musicais de alguns jovens colegas e conhecidos seus na participação dos festivais escolares de música realizados durante aquela época. Eram bandas, inclusive, que já começavam a enunciar o movimento de reggae da Baixada Fluminense que surgiria e ganharia força alguns anos depois e no qual participaria ainda mais ativamente. Mas foi apenas durante o serviço no Exército, no decorrer da década de 1980, que Sylvio começou efetivamente suas atividades artísticas.

Em conjunto com outros sargentos do exército, o então Sargento Dark – forma como Neto era cotidianamente chamado por seus colegas militares, assim como também criticado pela cúpula da divisão em que servia, pelo fato de andar sempre vestido de preto e muitas vezes por não se conformar com os (des)mandos da hierarquia a que estava subordinado – formava uma banda de hardcore: a Peste Bubônica. A música “Sangue e

Cal”, uma das composições desta banda, ilustra um pouco a acidez de sua produção nesta época:

Ter nascido vivo
Foi o meu mal
Teria sido bom
Ter sido abortado

Sangue e cal, Sangue e cal
Sangue e cal. Desesperado
Sangue e cal, sangue e cal
Sangue e cal Pobre coitado

Dentro do meu corpo não tem espírito
Soul constituído de sangue e cal
(...)

Sangue e cal, Sangue e cal
Sangue e cal. Desesperado
Sangue e cal, sangue e cal
Sangue e cal. Pobre coitado

Este grupo musical tocava em diferentes lugares da Baixada Fluminense. Um destes lugares, inclusive, foi o festival de música Anarquia de Nilópolis. Realizado no referido município, este festival reunia bandas de punk e hardcore das cidades do Rio de Janeiro e da própria Baixada Fluminense.

Foi justamente nesta época que Sylvio conheceu Lazão. A amizade entre o Sargendo Dark e aquele que se tornaria baterista do grupo Lumiar – grupo que, mais alguns anos depois, passaria a se chamar Cidade Negra – surgiu das caronas que o primeiro dava ao segundo. Em seu Maverick preto, a caminho do trabalho no Exército na época em que serviam na mesma divisão, Neto iniciava uma amizade que se desdobraria para o campo musical – seja pelo empréstimo de instrumentos musicais (enquanto Lazão emprestava os pedais de bumbo de sua bateria para os ensaios do Peste Bubônica, esta banda emprestava os demais instrumentos para ele também realizar seus ensaios), seja pelas sugestões em suas próprias composições e arranjos – e para a própria vida.

Depois da banda Peste Bubônica, na passagem da década de 1980 para 1990, já fora do Exército, dono de um pequeno comércio local e com seus dreadlocks crescidos, Neto passou a integrar um outro grupo musical: o Postura Africana. Era um grupo que

participava ativamente do movimento reggae da Baixada Fluminense ao lado de outras bandas como Cidade Negra (ainda com Ras Bernardo no vocal, mas já realizando apresentações dentro e fora do país) e KMD5, por exemplo. A participação neste movimento, inclusive, acontecia não apenas através de composições e apresentações musicais, mas também na organização de eventos culturais como, por exemplo, o chamado Reggae de Rua, um evento realizado nas ruas de Piam, bairro de Belford Roxo, que também reunia bandas de reggae dos mais diferentes lugares da Baixada.

Apesar da sonoridade diferente, o grupo Postura Africana não deixava de apresentar uma significativa conexão com seu trabalho musical anterior, principalmente por conta das críticas sociais que fazia em suas letras. Um bom exemplo destas críticas pode ser observado na música Revolta Mirim⁸:

Revolta por não ter o que comer
Revolta por não ter onde morar
Revolta por esta vida injusta
Que insiste em nos humilhar

Sobe morro, desce morro
Cheira cola, dá calote
Sem carinho, sem comida
Sem casa, sem ninguém

Que vida você tem
Que vida você tem
Sobe morro, desce morro
Um moleque de rua bandido mirim

Trata-se de uma composição inspirada nas precárias condições de vida de alguns meninos de rua de Nova Iguaçu – um dos principais alvos dos grupos de extermínio desta época, vale ressaltar – cujo naipe de metais foi sugerido pelo próprio Lazão. Sobre o nascimento desta música, Neto nos conta melhor:

⁸ Disponível em <https://soundcloud.com/sylvioneto/revolta-mirim>. Na apresentação desta música neste site, inclusive, Sylvio assim escreve: “esta foi uma de minhas primeiras composições arranjadas pela Banda Postura Africana e é preciso dizer que numa banda onde todos compõem o processo é porradão...Tem que ser uma canção bacana e a galera tem que gostar de verdade...Numa banda onde eu era o mais merda – não como compositor, mas como músico mesmo – era normal ter de engolir do melhor músico, esporro pela performance ruim e uma letrinha horrível que jah chegava pronta com arranjo e tudo...Era fodegas...”.

No dia em que compus a [música] Revolta Mirím, a gente [Neto e Lazão] tinha batido um papo, tinha estado junto. Eu saí de um comércio que tinha, passando em frente do Banco do Brasil em Nova Iguaçu, eu vi os garotos de rua que ficavam dormindo em cima da rodoviária... porque naquela época não havia crack, né, tinha cola... toda vez que eu tinha a oportunidade de comer fora, a comida que sobrava, limpa, eu mandava botar numa quentinha e dava para os garotos. O Lazão também fazia isso. Quando ele pagava a comida, quando eu pagava a comida, a gente interava e levava para os moleques. E foi nessa que eu... tinha acabado de dar a quentinha para o garoto, entrei no ônibus, que era o Nova Iguaçu – Belford Roxo via Piam... eu da janela, olhando... a música nasceu ali (NETO, 2014).

Considerações finais

Conforme tentamos mostrar no decorrer destas páginas, a realização de um registro da obra de Sylvio Neto apresenta-se como uma contribuição, dentre tantas outras certamente possíveis, nestes importantes movimentos de tensionamento do estereótipo de violência que marca a Baixada Fluminense e outras tantas localidades hegemonicamente classificadas como periféricas. A trajetória musical de Sylvio Neto, a articulação que tem realizado no circuito comunicativo da BF, traduz de uma forma bastante significativa sua complexidade cultural. Enquanto ex-militar, poeta, músico e ativista cultural negro, o agenciamento que realiza na polifonia e dialogicidade (BAKHTIN, 2010) desta região fluminense possibilita a emergência de interstícios capazes de deslocar um imaginário regulatório que a reduz a bandidos e população carente.

A realização deste trabalho de pesquisa traz, também, outra importante contribuição: a assunção do conflito e até mesmo da violência musical como uma questão curricular importante na educação escolar⁹. Trata-se de uma questão que não se

⁹ Conforme nos sugere Araújo, “destacar a violência e o conflito como categorias negligenciadas no campo da etnomusicologia [e da educação] é, de fato, uma operação perigosa, face às inúmeras referências a contextos conflituosos em que a música opera na pesquisa musical como um todo. No entanto, ambos os termos, em tal literatura, frequentemente sinalizam distúrbios sociais ou individuais de uma ordem implícita, ou ainda uma eventual negação de uma ordem dada, quaisquer dessas possibilidades produzindo efeitos em músicos, públicos e na música que media suas relações. O caminho que sugerimos aqui é, porém, bem distinto, permitindo que se tome o conflito e, até certo ponto, a violência como condições centrais à produção de conhecimento, incluindo aí o conhecimento mais especificamente musical e análises culturais de práticas musicais (ARAÚJO, 2006, p. 1).

apresenta, de forma alguma, como algo externo ao currículo educacional, ou como uma crise ou exceção de (pré)determinado padrão de sociabilidade, mas sim como um elemento constitutivo, um elemento estruturante de suas próprias relações intersubjetivas. Uma questão, inclusive, cuja importância encontra-se justamente nas possibilidades bastante férteis de emergência não apenas dos mecanismos regulatórios que tendem a igualar estas localidades, mas também – e tão fundamental quanto isso – das histórias que as diferenciam e identificam. Uma importância, enfim, que viabiliza a emergência das estreitas e complexas relações entre conhecimento, política e estética que tecem a educação escolar.

Referências

ARAÚJO, Samuel et al. “A violência como conceito na pesquisa musical; reflexões sobre uma experiência dialógica na Maré, Rio de Janeiro”. In: *Transcultural Music Review*, nº 10, 2006.

ALVES, José Cláudio Souza. “Baixada Fluminense: a violência na construção do poder”. In: *Anais da Associação Nacional de Pesquisa em Pós-Graduação em Ciências Sociais*, 1994.

BAKHTIN, Michail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução e prefácio de Paulo Bezerra. 5ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BARBOSA, Adriano. *Esquadrão da morte: um mal necessário?* Rio de Janeiro: Livraria Editora Mandarino Ltda, 1971.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

BICUDO, Hélio Pereira. *Meu depoimento sobre o esquadrão da morte*. São Paulo: Pontifícia Comissão de Justiça do Estado de São Paulo, 1978.

COSTA, M. R. “Rio de Janeiro e São Paulo nos anos 60: a constituição do Esquadrão da Morte”. In: *Anais do XXII Encontro Anual da ANPOCS*. Caxambú: MG, 1998.

DINIZ, Betina Peppe e ENNE, Ana Lúcia. “O ‘Caso Mão Branca’ na imprensa do Rio de Janeiro: narrativa jornalística, ficção e o fluxo do sensacional”. In: *Anais do Congresso Anual da Intercom / Núcleo de Pesquisa – Jornalismo*. 2005.

ENNE, Ana Lúcia S. “Imprensa e Baixada Fluminense: múltiplas representações”. In: *Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense*. Niterói: UFF, 2004.

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Ed. 34. Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

LONGA, Estella Saraila. “Descolonização da escola a partir do Passinho: um estudo sobre o corpo na Escola Municipal Compositor Luiz Gonzaga”. In: Anais do VIII Seminário Internacional Redes Educativas e as Tecnologias: Movimentos Sociais e Educação. Rio de Janeiro: UERJ, 2015.

_____. “Rádio escolar Gonzagão Digital: corpo-música em movimento”. In Anais do II Congresso Nacional de Educação. Campina Grande: CEMEP, 2014.

LOURENÇO, Rogério Santana. *Vídeo-identidade: imagens e sons na construção da cidadania*. Dissertação de Mestrado. Niterói: Instituto de Arte e Comunicação Social da UFF, 2001.

LOUZEIRO, José. *Mitos em chamas – a lenda do justiceiro Mão Branca*. São Paulo: Ed. Moderna, 1997.

MIRANDA, Luciana Lobo. *Criadores de imagens, produtores de subjetividade: a experiência da TV Pinel e da TV Maxambomba*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Departamento de Psicologia da PUC, 2002.

NASCIMENTO, Clarissa Staffa. *“Além da imagem”: experiências e memórias populares através da TV Maxambomba*. Dissertação de Mestrado. Niterói: Programa de Pós-Graduação e História da UFF, 2009.

NETO, Sylvio. Entrevista com prof. Renato dos Santos Aranha realizada em novembro de 2014.

PASSOS, Mailsa C. P. “Encontros cotidianos e a pesquisa em Educação: relações raciais, experiência dialógica e processos de identificação”. In *Educar em Revista*, nº. 51, jan./mar, p. 227-242. Curitiba: Editora UFPR, 2014.

_____. “Culturas, sonoridades e processos identitários da comunidade escolar Compositor Luiz Gonzaga”. Projeto apresentado ao edital 034/2013 da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Nº do Processo: E-26/111.909/2013). Rio de Janeiro: FAPERJ, 2013.

PROGRAMA BRASIL PRÓXIMO. *Mapeamento dos Grupos Criativos da Baixada Fluminense: Relatório Final*. Rio de Janeiro, 2015.

SANTOS, Elinismar Garcia dos. “DJ: figura emblemática na Escola Municipal Compositor Luiz Gonzaga – concepção de pertença e de poder”. In: Anais do VIII Seminário Internacional Redes Educativas e as Tecnologias: Movimentos Sociais e Educação. Rio de Janeiro: UERJ, 2015.

TEIXEIRA JR., J. C. “Tudo 2 Digital: tensões na nomeação de uma rádio escolar”. In: Anais do VI Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica: modos de viver, narrar e guardar. Rio de Janeiro: BIOGraph, 2014a.

_____. “Participação e tensão na gestão de uma rádio escolar”. In: Anais do IV Colóquio de Pesquisas em Educação e Mídia: Culturas, Encontros e Desencontros. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2014b, p. 125-130.

TEIXEIRA JR., J. C.; PASSOS, M. “Sobre música e diáspora negra: narrativas de estudantes no processo de montagem de uma webrádio”. No prelo.

Submetido em 16/10/2016

Aprovado em 18/03/2019

Licença *Creative Commons* – Atribuição Não Comercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)